

## O Cuidar e o Envelhecer: um estudo acerca das representações sociais do cuidado na perspectiva de idosos<sup>1</sup>

Letícia Franco de Oliveira e Alessandro Gomes Enoque

### Resumo

Este artigo teve como objetivo analisar as representações do cuidado na perspectiva de idosos lotados em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) de uma cidade do estado de Minas Gerais. Pôde-se observar, através da análise das entrevistas, que os idosos elencam uma diversidade de motivos pelos quais se encontram alocados na ILPI pesquisada: abandono por parte da família, violência física ou psicológica (por parentes ou estranhos), engodo, estados precários de saúde e, até mesmo, escolha pessoal. Quanto às representações que os mesmos possuem acerca da atividade de cuidado, bem como dos profissionais que a exercem, nota-se, claramente, uma associação entre a mesma e os seguintes termos: preocupar-se, proteger, não abandonar, não maltratar, não magoar. Quanto aos profissionais, os mesmos são, normalmente, relacionados como sendo pessoas boas e membros da família.

### Palavras-chave

Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Representação Social. Cuidadoras.

### Abstract

This article aimed to analyze the representations of care from the perspective of elderly people from a *Instituição de Longa Permanência para Idosos* – ILPI (Long-Term Care Facility for the Elderly) in a city in the state of Minas Gerais. It was possible to observe, through the analysis of the interviews, that the elderly list a variety of reasons for which they are allocated in the researched ILPI: abandonment by the family, physical or psychological violence (by relatives or strangers), deceit, precarious health state and even personal choice. As to the representations that they have about the care activity, as well as the professionals who perform it, there is clearly an association between it and the following terms: worrying, protecting, not abandoning, not mistreating, not hurting. As to the professionals, they are usually listed as being good people and family members.

**Keywords** Long-Term Care Facility for the Elderly. Social Representation. Caregivers.

## INTRODUÇÃO

É fato comumente aceito que a população idosa vem aumentando, consideravelmente, nos diversos países. No Brasil, em especial, tal processo deve-se, especialmente, ao declínio das taxas de natalidade e ao aumento da expectativa de vida da população (CAMARANO, 2010; KALACHE, 1987). De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil ocupará, em 2025, o sexto lugar do *ranking* de países com maior número de idosos.

Tal realidade, por si só desafiadora, apresenta-se como sendo de natureza extremamente complexa e multifacetada. Em um primeiro momento, pode-se dizer que a população idosa é prioritariamente exposta a uma série de doenças, agravos e limitações que geram, necessariamente, uma série de cuidados. Ocorre que, normalmente, em nosso país, tais cuidados acabam sendo realizados por membros da própria família do idoso e, em outros casos, por trabalhadores contratados de maneira informal ou por instituições de amparo a tal população (tais como Instituições de Longa Permanência).

Neste sentido, de acordo com dados do Censo Populacional de 2010, o Brasil possuía, naquele ano, cerca de 3.548 instituições de cuidado aos idosos, sendo que apenas 218 pertenciam, de alguma forma, ao poder público (seja nos níveis municipal, estadual ou federal). As demais, apresentavam-se como tendo caráter filantrópico ou particular.

Um outro ponto importante diz respeito ao fato de que a ocupação de cuidador passou a ser contemplada na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) somente a partir do ano de 2002, sob o código 5162-10 (cuidador/acompanhante de idosos e/ou dependentes), apresentando o ocupante do cargo como sendo um indivíduo que “cuida de bebês, crianças, jovens, adultos e idosos, a partir de objetivos estabelecidos por instituições especializadas ou responsáveis diretos, zelando pelo bem-estar, saúde, alimentação, higiene pessoal, educação, cultura, recreação e lazer da pessoa assistida”. Em uma perspectiva complementar, Zelizer (2010) aponta que as relações de *care* incluiriam certo tipo de atenção personalizada, realizada de maneira constante ou intensa e que teria, como objetivo principal, o bem-estar daquele ou daquela que seria seu objeto.

Tendo em vista o exposto acima, o objetivo principal deste trabalho consiste na compreensão das representações do cuidar na perspectiva de idosos de uma Instituição de Longa Permanência (ILPI) de uma cidade do interior de Minas Gerais. Partindo de uma abordagem de natureza essencialmente qualitativa, buscou-se, através da realização de entrevistas com sete idosos desta instituição, tanto compreender a realidade vivenciada pelos mesmos bem como dar voz a um grupo social tradicionalmente marginalizado em nosso país.

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Embora o conceito de representações sociais tenha sido seminalmente delineado no livro *La psychanalyse, son image et son public* de Serge Moscovici, o mesmo é credor de toda uma tradição sociológica que o precede. De acordo com Minayo (2011), do ponto de vista sociológico, Durkheim seria o primeiro autor a trabalhar efetivamente com o termo, embora o mesmo não tenha sido utilizado da mesma maneira. Para Durkheim (1999a; 1999b), o conceito de representações coletivas apresentou-se, inclusive, como um ponto importante de inflexão de sua obra, uma vez que realizou a transição de uma análise ligada aos fatos sociais para outra que privilegia os elementos simbólicos explicativos da realidade. Esta mudança de rumos, materializada, especialmente, nas *Formas Elementares da Vida Religiosa* (DURKHEIM, 2003), elevou a categoria das representações coletivas como o arcabouço teórico fundamental das análises sociológicas do referido autor a partir de então.

As Representações Coletivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Para compreender como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não a dos indivíduos. Os símbolos com que ela se pensa mudam de acordo com a sua natureza [...]. Se ela aceita ou condena certos modos de conduta, é porque entram em choque ou não com alguns dos seus sentimentos fundamentais, sentimentos estes que pertencem à sua constituição (DURKHEIM, 1999b, p. 79).

A noção durkheimiana de representações coletivas parte, portanto, de um processo elaborativo e cooperativo e não de indivíduos isolados. Durkheim (1970, p. 34) aponta, neste sentido, que “[...] os sentimentos privados apenas se tornam sociais pela sua combinação, sob a ação de forças *sui generis*, que a associação desenvolve”. Em decorrência deste processo cooperativo, estes sentimentos privados seriam transformados em “outra coisa” exterior à dimensão particular.

Para Moscovici (2010), toda a sociologia durkheimiana estaria orientada, assim, àquilo que faz com que as sociedades se mantenham coesas, ou seja, diretamente ligada à compreensão das forças e estruturas que as conserva e preserva. É sob este ponto de vista que o conceito de representações coletivas assume uma importância central (quase sacralizada) na obra durkheimiana.

Minayo (2011) aponta que o conceito durkheimiano de representações coletivas dialoga, também, com uma série de estudiosos da área de ciências sociais. Para a autora, Max Weber trabalharia a noção de representações sociais a partir de conceitos como “ideias”, “espírito”, “concepções”, “mentalidade”, “visão de mundo”. De acordo com Weber (1974), as ideias (ou representações sociais) seriam juízos de valor que os indivíduos, dotados de vontade própria, possuiriam.

Não são as ideias, mas os interesses materiais e ideais que governam diretamente a conduta do homem. Muito frequentemente, porém, as *imagens mundiais* que foram criadas pelas *ideias* determinaram como manobreiros, as linhas ao longo das quais a ação foi impulsionada pela dinâmica dos interesses (WEBER, 1974, p. 83).

Uma outra corrente sociológica que trabalha a interpretação do papel das representações sociais é a marxiana. Para Marx e Engels (2001, p. 18-19), especialmente aquela presente no livro *A Ideologia Alemã*, as representações estariam diretamente relacionadas à atividade material.

A produção das idéias, das representações e da consciência está, a princípio, direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; ela é a linguagem da vida real. [...] São os homens que produzem suas representações, suas idéias etc., mas os homens reais, atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar.

Em uma perspectiva complementar, Lukács (2018) concorda que é nas consciências individuais que se expressaria a consciência (de classe). Além disto, para o autor, o fundamento científico do conceito de visão de mundo, apreendido através do sujeito, seria a integração deste pensamento individual no conjunto da vida social, especialmente no que diz respeito à análise da função histórica das classes sociais.

Para Pereira de Sá (1993), a abordagem psicossociológica de Serge Moscovici buscou trazer uma nova compreensão do campo da psicologia social. Extremamente insatisfeito com o saber tradicional desenvolvido pela psicologia americana, Moscovici (2011, p. 21) define representações sociais como sendo:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

Em uma perspectiva semelhante, Spink (1993, p. 300) define representações sociais como sendo “[...] modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos”. Ainda de acordo com a autora,

[...] são [...] formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos – imagens, conceitos, categorias, teorias –, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam (SPINK, 1993, p. 300).

Para Sêga (2000), as representações sociais apresentar-se-iam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana. É, pois, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar sua posição em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem. Em torno disto, vale ressaltar que:

As representações, sob este enfoque, passam a ser tratadas como produtos, como processos, mediando o espaço real e os grupos sociais, entre a percepção e a prática. Os produtos construídos a partir desses procedimentos se constituem nas bases para a compreensão e análise das transformações sociais e espaciais (KOZEL, 2007, p. 81).

[...] a passagem de um saber do seu próprio domínio para o mundo da conversação entre os leigos é um fenômeno psicossocial. Envolve a mobilização de elementos psicológicos – afetivos, cognitivos, imaginários, fantasmáticos, de memória e outros – mas impregnados de conteúdo social – sociológico, histórico, cultural, linguístico, entre outros – e acontece ao mesmo tempo nesses dois registros que se encontram totalmente entrelaçados: o social e o individual, dissolvendo, assim, a dicotomia indivíduo-sociedade (ARRUDA, 2009, p. 740).

É importante notar que as representações sociais são, em certo sentido, terreno tanto de permanências quanto da diversidade e instabilidade. Tal diversidade leva à compreensão das representações sociais como sendo um elemento fundamentalmente processual, com a função social de criação e manutenção de uma determinada ordem social. Neste sentido, a função das representações sociais seria a de atuar como um elemento que “familiariza o estranho”. Tal processo, denominado por Moscovici como ancoragem e por Berger e Luckmann (1983) como “esquemas tipificadores”, consiste em uma domesticação daquilo que não compreendemos, do novo.

[...] processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. É quase como que ancorar um bote perdido em um dos boxes (pontos sinalizadores) de nosso espaço social (MOSCOVICI, 2010, p. 61).

O outro processo envolvido na elaboração das representações sociais seria o da objetivação. Para Moscovici (2010, p. 71), objetivar seria “[...] a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem”. Spink (1993, p. 306) aponta que “[...] a objetivação é essencialmente uma operação formadora de imagens, o processo através do qual noções abstratas são transformadas em algo concreto, quase tangível”.

De acordo com Jodelet (2001), as representações estão sujeitas a defasagens, uma vez que passariam pela intervenção de valores, códigos coletivos, implicações pessoais e engajamentos sociais. Neste sentido, a autora aponta que esta intervenção produziria três tipos de efeitos nos conteúdos representativos, quais sejam: (a) distorções (ocorrem quando todos os atributos dos objetos estão presentes, porém, eles estão acentuados ou atenuados para reduzir a distância entre a representação e as qualidades socialmente desejadas e/ou esperadas para

um objeto, ato ou pessoa); (b) suplementações (ocorrem quando são conferidos aos objetos representados atributos e conotações que não lhes são próprias, produzindo um acréscimo de significações socialmente apreciadas como positivas ou negativas); e (c) subtrações (ocorrem quando atributos pertencentes ao objeto são suprimidos, em geral, devido à repressão e/ou à pressão de normas sociais).

## A ATIVIDADE DE CUIDADO

O interesse sobre a atividade de cuidado, tanto em termos práticos quanto acadêmicos, tem se ampliado ao longo dos últimos trinta anos (GUIMARÃES; HIRATA; SUGITA, 2012). No Brasil, em especial, esta temática passou a receber maior visibilidade a partir do ano de 2002, graças à inserção desta atividade na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). De acordo com a mesma, cuidador seria aquele trabalhador que:

[...] cuida de bebês, crianças, jovens, adultos e idosos, a partir de objetivos estabelecidos por instituições especializadas ou responsáveis diretos, zelando pelo bem-estar, saúde, alimentação, higiene pessoal, educação, cultura, recreação e lazer da pessoa assistida. Esta família não compreende técnicos e auxiliares de Enfermagem.

Em uma perspectiva complementar, Kergoat (2016) afirma que o cuidado não seria apenas uma atitude de atenção, mas, sim, um trabalho que abrangeria um conjunto de atividades materiais e de relações que consistem em oferecer uma resposta concreta às necessidades dos outros. É, assim, uma atividade laboral com características específicas, aproximando-se, muito mais, de uma relação de serviços, apoio e/ou assistência, podendo ser ou não remunerada e que implica em uma certa responsabilização em relação à vida e ao bem-estar de outrem.

As ações que envolvem o trabalho *care* podem, ainda, ser consideradas como sendo de cunho material e imaterial. Zelizer (2010, p. 18) entende, neste sentido, que tal atividade demanda tarefas que “[...] incluem qualquer tipo de atenção pessoal, constante e/ou intensa, que visa melhorar o bem-estar daquela ou daquele que é seu objeto [...] definindo, assim, um leque de atenções pessoais, constantes e/ou intensas”. Molinier (2012) entende que o trabalho de *care* envolveria a noção de serviço como dar atenção.

[...] aparece como uma atitude adequada que responde sem furtar-se face à fragilidade do outro e sem destituí-lo de seu estatuto de ser humano em sua integridade. Essa atenção particular, ajustada às necessidades do outro, em sua sutileza, sua capacidade de antecipação, sua discrição, é solicitada por um trabalho de garçom de café ou de médico (MOLINIER, 2012, p. 31).

Neste sentido, como propõe Molinier (2012), é preciso evidenciar que as relações de cuidado são sempre atendidas e encaixadas na necessidade do outro. Alinhada sempre a essas necessidades, estaria a conduta (ação e condução do cuidado) de cada trabalhador.

Nessa perspectiva, o trabalho de cuidado poderia ser classificado como uma “[...] definição de gestos, ou uma forma de agir (ou não agir), ajustados ou afinados às necessidades do destinatário, que podem ser inclusive, marcados pela distância ou desapego” (MOLINIER, 2012, p. 31). Além disto, para Standing (2001), tal atividade estaria fortemente relacionada com o cuidar das “[...] necessidades físicas, psicológicas, emocionais e de desenvolvimento de uma ou várias pessoas” (p. 17).

Para Soares (2012), o trabalho de cuidar do outro envolveria diferentes dimensões e atividades que dependem, fundamentalmente, da pessoa que será o objeto dele. Neste sentido, o autor aponta a existência de, pelo menos, cinco dimensões presentes no âmbito desta atividade: (a) dimensão física; (b) dimensão cognitiva; (c) dimensão relacional; (d) dimensão emocional; e (e) dimensão sexual.

No que diz respeito à primeira dimensão, o autor aponta que cuidar é, em si, uma atividade que demanda um esforço físico considerável por parte do trabalhador que a executa. Tal realidade amplia-se, consideravelmente, na medida em que os indivíduos cuidados possuem, por exemplo, limitações de mobilidade. A dimensão cognitiva é, também, um outro elemento presente na atividade de cuidado. A formação profissional, seja ela formal (no âmbito educacional) ou informal (no exercício prático da atividade) é, para o autor, essencial para o bom desenvolvimento das atividades no dia a dia do cuidador. Outra dimensão importante na perspectiva de Soares (2012) seria a relacional. Cumpre dizer, neste ponto, que o bom exercício da atividade de cuidado passa, necessariamente, pelo estabelecimento de um vínculo de confiança entre o cuidador e o paciente. Em relação à dimensão emocional, a atividade de cuidado envolve, nas palavras de Hochschild (1983), uma gestão contínua da expressão e das emoções por parte do cuidador. Neste sentido, os cuidadores necessitam observar e respeitar regras de sentimento que ditam qual o tipo de emoção requerida e apropriada em cada momento de sua atuação. Por fim, a atividade de cuidado é, em grande medida, de cunho sexual na medida em que envolveria uma miríade de tarefas que perpassam a limpeza de partes íntimas e de excrementos.

## **METODOLOGIA**

Para fins deste trabalho, de natureza essencialmente qualitativa, foram realizadas sete entrevistas entre os meses de agosto e dezembro de 2017 com sete idosos (selecionados de acordo com sua saúde física e psicológica) de uma Instituição de Longa Permanência de uma cidade do interior de Minas Gerais. É importante destacar que todo o roteiro utilizado durante a entrevista com os mesmos foi apresentado e submetido aos gestores para que estes pudessem fazer uma avaliação acerca do conteúdo, evitando qualquer prejuízo à saúde física ou mental do idoso. As entrevistas com os idosos foram realizadas no período da manhã. Destaca-se que este horário foi escolhido pelos gestores da instituição pesquisada, porque os mesmos consideraram ser este o melhor horário de disposição para os idosos.



**Quadro 1** - Perfil dos entrevistados

<b>Entrevistada (01):</b>	Mulher, sessenta e um anos, não possui filhos, solteira, sem escolaridade, dez anos morando na instituição pesquisada.
<b>Entrevistado (02):</b>	Homem, oitenta e dois anos, não possui filhos, solteiro, sem escolaridade, três anos morando na instituição pesquisada.
<b>Entrevistado (03):</b>	Homem, sessenta e cinco anos, não possui filhos, solteiro, sem escolaridade, seis anos morando na instituição pesquisada.
<b>Entrevistado (04):</b>	Homem, oitenta e um anos, um filho, solteiro, ensino básico incompleto, quatro anos morando na instituição pesquisada.
<b>Entrevistado (05):</b>	Homem, sessenta e um anos, não possui filhos, solteiro, ensino básico incompleto, um ano morando na instituição pesquisada.
<b>Entrevistado (06):</b>	Mulher, setenta e um anos, quatro filhos, viúva, ensino básico incompleto, quatro anos morando na instituição pesquisada.
<b>Entrevistado (07):</b>	Homem, oitenta e seis anos, não possui filhos, casado, ensino básico incompleto, morando na instituição pesquisada.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Após a realização das entrevistas, as mesmas foram transcritas e analisadas através da técnica de análise francesa de discurso.

## ANÁLISE DOS DADOS

(001) Eu apanhava demais lá, ela tava me batendo [...] minha irmã (ENTREVISTADA 01).

A seleção lexical do fragmento discursivo (001) associa, explicitamente, a figura do enunciador a uma rotina familiar de violência física. Neste sentido, a utilização dos verbos “apanhar” (“eu apanhava demais lá”) e “bater” (“ela tava me batendo”) denotam uma realidade de violência sistemática contra o idoso entrevistado por parte de um membro de sua própria família (“minha irmã”). Há que se destacar, ainda, neste ponto, a utilização do advérbio “demais”, o que pode ser compreendido como o fato de que a violência não aparenta ser um elemento apenas ocasional ou esporádico no âmbito daquela casa, mas, sim, recorrente, usual. É importante destacar, ainda, a figura implícita da casa (ou da própria entrevistada ou da irmã) no fragmento apontado, na medida em que o sujeito enunciador utiliza-se do termo “lá” (“eu apanhava demais lá”). Não há maneiras, aqui, a partir deste fragmento, de compreender quem seria o “proprietário” desta “casa” e, nesta perspectiva, se a idosa foi potencialmente “expulsa” de sua própria casa ou morava com sua irmã. O fato é que a entrevista foi “obrigada” a asilar-se na ILPI pesquisada tendo, como motivo principal, uma rotina de violência que a impedia de continuar vivendo uma rotina normal.

(002) Uai, assim eu andei tendo uma turma me perseguindo aí, uns moleque maloqueiro, sabe? Eles andaram judiando comigo, deram dando umas barradas na minha cabeça, uns purrete pra tomar dinheiro [...]. Esse povo... gente descobria



que eu tinha meu dinheirinho e vinha de madrugada me machucava, maltratava, me agredia pra ver quanto dinheiro eu tinha (ENTREVISTADO 06).

Outra rotina de violência parece ter sido o motivo da ida para a ILPI pesquisada do sujeito enunciatador do fragmento discursivo (002). Neste caso, no entanto, o sujeito (ou os sujeitos) que exercem a violência sobre o idoso não parecem ser, necessariamente, membros da família, mas, sim, marginais que têm um claro interesse na renda do idoso. Sendo assim, de acordo com a seleção lexical do fragmento discursivo (002), tais elementos utilizam-se, também, de violência física para intimidar e extorquir financeiramente o sujeito enunciatador (“eles andaram judiando comigo, deram dando umas barradas na minha cabeça, uns purrete para tomar dinheiro”, “gente descobria que eu tinha meu dinheirinho e vinha de madrugada me machucava, maltratava, me agredia para ver quanto dinheiro eu tinha”). Nota-se, neste ponto, que a aparente vivência solitária do idoso em sua casa o expunha, em certo sentido, a uma condição de vulnerabilidade extrema perante a violência de certos grupos sociais. A ida para a ILPI, de alguma maneira, configura-se, para este idoso, como uma possibilidade de estar protegido socialmente contra a violência destes grupos.

(003) Eu tô aqui à toa, meu irmão pois eu aqui, disse que eu ia tratar das vistas e me enrolou e me trouxe pra cá (ENTREVISTADA 06).

Um outro motivo apontado pelos idosos para terem ido para a ILPI pesquisada diz respeito ao fato de que, em alguns casos, o idoso possa ter sido, de alguma maneira, enganado por parentes ou conhecidos. É o caso, por exemplo, do sujeito enunciatador do fragmento discursivo (003). De acordo com a seleção lexical do fragmento discursivo (003), o sujeito enunciatador foi, de alguma forma, enganado pelo próprio irmão, o qual, por algum motivo não exposto, o levou para a ILPI pesquisada. Neste sentido, o sujeito enunciatador, aparentemente, não vê motivos reais pelos quais deveria estar ali (“eu tô aqui à toa”). É interessante notar, neste ponto, o personagem do irmão como aquele ator que engana, que ludibria, que pratica o engodo para com o entrevistado. De alguma maneira e, por que não dizer, metaforicamente, a utilização da ida ao oftalmologista escancara a cegueira do sujeito enunciatador frente à ação do parente e à própria realidade vivenciada.

(004) Foi por causa da coluna. Minha coluna desandou demais, aí deu problema nas pernas, aí eu fui no médico, no doutor e aí ele disse que os problemas da minha perna é por causa da coluna, aí, por causa disso, eu vim parar aqui (ENTREVISTADO 02).

Além dos motivos expostos anteriormente, os idosos parecem apontar, ainda, outras razões pelas quais acabaram se asilando na ILPI pesquisada. De acordo com o sujeito do fragmento discursivo (004), o estado de saúde do mesmo foi a causa de sua ida para a ILPI. Não é claro, no entanto, a partir do fragmento levantado, o motivo pelo qual outros parentes do idoso não poderiam ter cuidado do seu estado de saúde e de sua dificuldade motora. Há, neste sentido, a ausência de alguns personagens (membros da família, por exemplo) no fragmento discursivo supracitado.

(005) Trouxe a troco de como se diz, foi assim... sem necessidade mesmo que a gente sozinho (ENTREVISTADO 03).

(006) Porque a minha cunhada teve que vir pra cá e a assistência social não me deixava sozinho mais a minha mulher lá em casa [...] então o meu caso foi esse, eu me vi obrigado, eu achei que eu não ia me acostumar, mas eu acostumei, graças a Deus. Mas, meu caso de ter vindo pra cá foi esse. A assistência social não deixava que ficasse só eu e minha mulher lá em casa, ela sem condição de fazer nada e sem uma pessoa pra cuidá (ENTREVISTADO 07).

Existem casos, também, de situações nas quais o próprio idoso, aparentemente de maneira voluntária, decide ir para a ILPI (“foi assim... sem necessidade mesmo que a gente sozinho”). Há que se questionar, aqui, no entanto, o verdadeiro grau de liberdade de escolha ao qual o sujeito enunciador do fragmento parece estar submetido. Tal questionamento pode ser levantado, inclusive, a partir da seleção lexical do fragmento discursivo (006). Neste ponto, o sujeito enunciador aponta a impossibilidade de ficar sozinho com sua esposa na medida em que a assistência social parece ditar aquilo que seria o mais adequado para a vivência dos dois idosos.

Na medida em que o idoso (sujeito enunciador do fragmento (006)) vivencia a realidade (por um período não dito no trecho) diária na ILPI, o mesmo parece acostumar-se com aquela rotina e atribui isto a uma causa divina (“eu achei que eu não ia me acostumar, mas eu acostumei, graças a Deus”).

(007) É justamente o que eu falei, a pessoa se preocupa com o outro. Igual as meninas aqui fica ligada, prestando atenção o que acontece, quer dizer, é cuidar, é a pessoa que tem cuidado, elas é muito boa, não abandona, não deixa nós aí jogado, elas têm cuidado, quer dizer, eu percebo que o cuidado é você ser cuidado, trocar de roupa, calçado, o cuidado com a pessoa. Essas meninas aqui têm esse cuidado (ENTREVISTADO 07).

No que diz respeito, exatamente, às representações que os idosos têm acerca do ser cuidado, algumas reflexões importantes necessitam ser levantadas. Conforme pode ser observado na seleção lexical do fragmento discursivo (007), há uma clara e explícita associação, inicialmente, entre o cuidar e o preocupar-se com o outro (“a pessoa (cuidadora) se preocupa com o outro”). Na medida em que buscamos uma definição para o verbo preocupar, encontramos, dentre as diversas possibilidades, a compreensão do mesmo como “interessar-se”, “prestar atenção”. Assim, na representação deste idoso, a atividade de cuidado passaria, necessariamente, pelo interesse no seu estado de saúde mental ou física por parte do cuidador (seja em termos mais práticos, como, por exemplo, no trocar de roupa ou calçado, mas, também, em termos mais abstratos, como conversar, entre outros). Tal análise pode ser amparada, ainda, pela seleção lexical seguinte do mesmo fragmento (“igual as meninas aqui fica ligada, prestando atenção o que acontece, quer dizer, é cuidar”).

Em contraposição (e, em certa medida, até em decorrência dos históricos de abandono de idosos naquela instituição), a representação do cuidar, na perspectiva do idoso do fragmento supracitado, não é, de forma alguma, abandonar ou “deixar jogado” (“não abandona, não deixa nós aí jogado”). A utilização dos dois termos é, aliás, a nosso ver, bastante dramática. Tanto o abandonar quanto o “deixar jogado” parecem denotar, de alguma forma, uma certa objetivação do idoso. Quando pensamos em abandonar alguma coisa, por exemplo, a

primeira coisa que nos vem à mente é algum objeto que não nos é mais útil ou necessário. É, neste sentido, descartável aos nossos olhos. Da mesma maneira, o “deixar jogado” (ou até mesmo “jogar fora”) denota certa insensibilidade quanto àquilo ou àquele que foi lançado ao esquecimento (ou, por que não dizer, ao lixo).

(008) Cuidado é pra não cair, pra dar atenção a toda pessoa, aí não magoar as pessoas, ficar calada, não maltratar ninguém aqui (ENTREVISTADA 01).

(009) Elas é boa felicidade, não posso falar delas de jeito nenhum. [...] Eu considero da minha família, porque eu não tenho família, não tenho parente, né? [...] Eu acho que elas é minha mãe. [...] Porque elas faz não maltratar, fala assim “[...] não faz assim que você cai”. Aí cai na minha cabeça e eu não faço. É igual mãe, não maltrata ninguém, eu choro calada e ninguém vê (ENTREVISTADA 01).

(010) Elas significa uma mãe, não falta nada pra mim, não (ENTREVISTADO 03).

(011) Então, elas têm essa mentalidade de ficar ligado com a gente, elas observa tudo. [...] Eu nem posso falar, eu nem posso falar é irmã, é minhas irmãs, são minhas irmãs pelo que elas fazem com a gente, pelo comportamento com a gente, é minhas irmã (ENTREVISTADO 07).

Uma outra representação do cuidar pode ser encontrada, ainda, no fragmento discursivo (008). De acordo com a seleção lexical do fragmento discursivo (008), o sujeito enunciador aponta que “cuidar” consiste em “não magoar as pessoas” e “não maltratar ninguém”.

Estes elementos apontam para a representação dos cuidadores como sendo pessoas “boas” e, até mesmo, serem considerados membros da família (“Eu considero da minha família, porque eu não tenho família, não tenho parente, né? [...] Eu acho que elas é minha mãe.”). Esta realidade pode estar relacionada ao fato de que, uma vez que alguns destes idosos foram abandonados pela sua própria família, os cuidadores passam a representar, de alguma maneira, o universo familiar destes idosos. É interessante notar, neste sentido, a recorrente utilização do termo “mãe” para referir-se aos cuidadores (“Elas significam uma mãe”, “É igual mãe”). A utilização deste termo, de maneira tão recorrente, pode estar relacionada ao fato de que (além de terem sido abandonadas pela família) associam o cuidar a uma afetividade quase maternal, carinhosa, protetora.

(012) Ah... não, o interesse é muito grande, o dinheiro, né?, quase mil reais pra elas aqui, né? Como eu não posso pegar meu dinheiro, elas cata meu dinheiro, eu não ponho a mão no meu dinheiro, elas encobre (ENTREVISTADO 04).

(013) [...] eu não sinto nada, mas as meninas até hoje nunca fizeram nada, são boazinhas, só a cozinheira que vem amanhã que não, e essa enfermeirinha [...] (ENTREVISTADO 02).

Para alguns entrevistados, no entanto, esse sentimento de familiaridade-afetividade não é o elemento central, uma vez que parecem considerar as cuidadoras, essencialmente, como

trabalhadoras (fragmentos (012) (013)). Para esses idosos, o desenvolvimento do trabalho de cuidado, na instituição, pode ser visto como uma simples relação capital/trabalho.

A representação da relação entre empregado e patrão parece ser reproduzida, pelos idosos, uma vez que os mesmos pagam para viver na ILPI e, assim, alguns deles parecem considerar que todo o seu dinheiro (aposentadoria) é destinado para o pagamento das cuidadoras. Portanto, esses idosos parecem acreditar que os cuidados são pagos por eles e, por isso, as cuidadoras desenvolvem tão bem os trabalhos na instituição.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve, como objetivo principal, compreender as representações do cuidar na perspectiva de idosos de uma Instituição de Longa Permanência (ILPI) de uma cidade do interior de Minas Gerais.

Pôde-se observar, através da análise das entrevistas, que os idosos elencam uma diversidade de motivos pelos quais se encontram alocados na ILPI pesquisada: abandono por parte da família, violência física ou psicológica (por parentes ou estranhos), engodo, estados precários de saúde e, até mesmo, escolha pessoal.

Quanto às representações que os mesmos possuem acerca da atividade de cuidado, bem como dos profissionais que a exercem, nota-se, claramente, uma associação entre a mesma e os seguintes termos: “preocupar-se”, “proteger”, “não abandonar”, “não maltratar”, “não magoar”. Quanto aos profissionais, os mesmos são, normalmente, relacionados como sendo pessoas boas e membros da família.

No que diz respeito às limitações deste estudo, apontamos, em especial, o número reduzido de entrevistados, bem como a realização da pesquisa em uma única ILPI. Neste sentido, os resultados aqui alcançados não podem, de maneira alguma, serem estendidos a outras realidades sociais.

Sugere-se, neste sentido, que as entrevistas sejam realizadas em outras ILPIs, bem como com outros grupos sociais que, tradicionalmente, necessitam de cuidados, por exemplo, deficientes físicos e crianças.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo auxílio concedido na realização deste trabalho.

## **NOTA**

1 Submetido à RIGS em: ago. 2019. Aceito para publicação em: set. 2020.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e ciências sociais: trânsito e atravessamentos. **Soc. Estado. Brasília**, v. 24, n. 3, p. 739-766, 2009.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1983.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <www.ibge.com.br:>. Acesso em: 03 set. 2016.

CAMARANO, Ana Amélia. Cuidados de longa permanência para a população idosa: um novo risco social a ser assumido? In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. (Org.). **Cuidado e cuidadoras**: as várias faces do trabalho do care. São Paulo: Atlas, 2012. p.148-165.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia e Filosofia**. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. S.; SUGITA, K. Cuidado e cuidadoras: o trabalho do care no Brasil, França e Japão. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. (Org.). **Cuidado e cuidadoras**: as várias faces do trabalho do care. São Paulo, Atlas, 2012. p.148-165.

HOCHSCHILD, A. **The managed heart**. Berkeley: University of California Press, 1983.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 112-131.

KALACHE, Alexandre. Envelhecimento populacional do Brasil: Uma realidade nova. **Cad. Saúde Pública**. v. 3, n. 3, p. 217-220, 1987.

KERGOAT, Danièle. O cuidado e as imbricações das relações sociais. In: ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (Org.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França**: perspectivas interseccionais. São Paulo: Boitempo, 2016.

KOZEL, Salette. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2007. p. 96-112.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica.

In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011. p. 73-94.

MOLINIER, Pascale. Ética e trabalho do *care*. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. (Org.). **Cuidado e cuidadoras**: as várias faces do trabalho do care. São Paulo: Atlas, 2012. p.148-165.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

PEREIRA DE SÁ, Celso. Representações Sociais: o conceito e o estado da atual teoria. In: SPINK, Mary Jane P. **O Conhecimento no Cotidiano**: As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. p. 1-293.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Porto Alegre, v. 8, n. 13, p.128-133, 2000.

SOARES, A. As emoções do care. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. (Org.). **Cuidado e cuidadoras**: as várias faces do trabalho do care. São Paulo, Atlas, 2012. p.148-165.

SPINK, Mary Jane P. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, jul./set. 1993.

STANDING, Guy. **Global labour flexibility**. Seeking distributive justice. Londres: Macmillan Press, 2001.

WEBER, M. **A objetividade do conhecimento nas ciências e na política social**. Lisboa: Lisboa Ltda., 1974.

ZELIZER, Viviane. A economia do *care*. **Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 376-391, 2010.

**Letícia Franco  
de Oliveira**

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

**Alessandro  
Gomes Enoque**

Professor Associado II da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal (PPGEP/PONTAL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisador Mineiro (Edital PPM/FAPEMIG/2018). Pós-Doutor em Sciences Humaines pela École des Sciences de la Gestion (ESQ) da Université du Québec à Montréal (UQAM). Doutor em Ciências Humanas (Sociologia e Ciência Política) pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH/UFMG). Mestre em Administração de Empresas (Área de Concentração: Organizações e Recursos Humanos) pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (FACE/UFMG). Coordenador do Núcleo de Estudos em Invisibilidade Laboral e Social (NILS) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Coordenador do Núcleo de Estudos em Organizações (NEORG) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisador do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (NEOS) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).